

FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO*

Parte 1

ALEXANDRE PERES TEIXEIRA
Capitão de Fragata (FN)

SUMÁRIO

Parte 1

Introdução

As origens do Islã

A morte das filhas de Alá

A revelação ganha o mundo e perde a inocência

A divisão na revelação

Parte 2**

O Islã e a modernidade ocidental

Choque de civilizações ou perversão minoritária?

O conservadorismo intransigente

O abismo entre o Islã e o Ocidente

Parte 3**

O Fundamentalismo Islamico: O *mythos* desfigurado

Os fundamentos da morte

As raízes do radicalismo

Al Qaeda: a era do terrorismo catastrófico

Conclusão

* N.A.: Trabalho apresentado à Escola de Guerra Naval – Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores, em 2008, como exigência da disciplina de História do Tempo Presente.

** N.R.: A serem publicadas nas próximas edições da *RMB*.

INTRODUÇÃO

*“Independentemente do que aconteça agora, vou morrer confiante em crenças humanistas e racionais, e, se meus escritos afastarem ao menos algumas dezenas de pessoas do ódio e do fanatismo religioso, sinto que terei parcialmente me redimido, ainda que nada, nada possa trazer minhas três vítimas de volta à vida. Eu não me preocupo por mim. Preocupo-me pelos outros. Olhe o que fizemos uns aos outros com as mãos vazias. **Com armas nucleares eles podem destruir tudo em nome da religião.** Talvez façam isso, sabe. Talvez façam...”*

(Anwar Shaikh¹, grifo nosso)

Segundo Noam Chomsky (2004, p.7), Ernst Mayr, um dos grandes nomes da biologia contemporânea, ao especular que a expectativa média de vida de uma espécie seria de 100 mil anos, assegurou que “os humanos resultaram de algum tipo de ‘equivoco biológico’, usando os 100 mil anos que lhes foram reservados para destruir uns aos outros e, nesse processo, muitas coisas mais”. Após um século XX marcado por conflitos, guerras e arbitrariedades, que ceifaram a vida de milhões de pessoas, o alvorecer do século XXI introduziu, de forma extremamente violenta, mais uma variável macabra na difícil equação que empurra a raça humana à extinção: o *terrorismo catastrófico*.

Discorrer sobre um tema que satura o debate acadêmico do planeta não seria tarefa difícil após os atentados de 11 de setembro de 2001. Facilitado pelo poder da mídia planetária, que se encarregou de amplificar os efeitos perseguidos por seus perpetradores, o trágico atentado em solo

americano, que subtraiu cerca de 3 mil vidas em um único dia, para muitos estudiosos, entre eles Samuel Huntington, traduziu o ápice de um fenômeno fomentado pelo processo de globalização denominado Choque de Civilizações. Sobre o assunto, Neto acrescenta a seguinte afirmação:

Os líderes de organizações terroristas atuais normalmente se apresentam como críticos do processo de globalização. Essas críticas se concentram, principalmente, no que consideram como tentativa de homogeneização de padrões culturais segundo um paradigma ocidental e na distribuição desigual dos benefícios, que, segundo esses líderes, perpetuam as condições de atraso e submissão a que é relegada a grande parcela da população mundial. (NETO, 2006, p. 190)

Mais do que um antagonismo de enfoques antropológicos, ou até mesmo de divergências relacionadas ao imperialismo ocidental de séculos passados, o terrorismo do século XXI traz consigo especificidades que o tornam um fenômeno atípico, sinistro e único, digno de atrair para si a soma de todos os medos da humanidade, que, segundo Armstrong (2001, p. 162), “cada vez mais emerge na cultura moderna um anelo aparentemente perverso (e um terror) de extinção”, que se traduz, atualmente, na possibilidade de utilização das armas de destruição em massa pelos grupos fundamentalistas islâmicos.

A fomentação do ódio, decorrente das gritantes desigualdades sociais e econômicas impostas pela globalização, por meio do atual chamado religioso à guerra santa (*jihad*), faz com que o racional (*logos*) seja

¹ Escritor indiano, ferrenho crítico da *revelação* de Maomé. Suas obras *Eternity* e *Islam: The Arab National Movement* causaram grande indignação no mundo islâmico. (ALI, 2005, p. 230)

ofuscado pela loucura cega da revelação (*mythos*). Desta forma, a *revelação* se mostra como uma semente que, plantada nos corações dos jovens terroristas, dado o seu efeito altamente psicotrópico, na sua apoteose, seria a impulsionadora de uma cadeia de decisões capazes de suplantar a própria racionalidade humana e vencer o instinto de sobrevivência.

Não trata o presente trabalho de criticar ou desprezar o fundamentalismo islâmico. Na verdade, uma análise criteriosa da história demonstrará que as principais religiões monoteístas (cristianismo, judaísmo e islamismo), em nome da defesa de seus fundamentos, foram responsáveis pelo derramamento de muito sangue e por uma imensidão de perversidades. Armstrong aborda a questão:

Os fundamentalistas transformaram o *mythos* de sua religião em *logos*,

fosse insistindo na verdade científica de seus dogmas, fosse convertendo sua complexa mitologia numa compacta ideologia. Misturaram, assim, duas fontes complementares e dois estilos de conhecimento que os pré-modernos geralmente achavam melhor não misturar. Sua experiência ratifica o acerto desta visão conservadora. Ao afirmar que as verdades do cristianismo são factuais e cientificamente demonstráveis, os fundamentalistas protestantes americanos produziram uma caricatura da religião e da ciência. Os judeus e os muçulmanos, que apresentaram sua fé de modo racio-

nal e sistemático para que pudesse competir com outras ideologias seculares, também distorceram sua tradição, reduzindo-a a um único ponto, mediante um processo de implacável seleção. Por conseguinte, todos deixaram de lado ensinamentos de tolerância e compaixão e cultivaram teologias de fúria, ressentimento e vingança. Às vezes isso leva uma pequena minoria a perverter a religião, usando-a para sancionar o homicídio. Mesmo a vasta maioria dos

fundamentalistas, que se opõe a esses atos de terrorismo, tende a ser exclusivista e a condenar quem não partilha de suas ideias. (ARMSTRONG, 2001, p. 404)

Assim, o presente estudo tentará focar o fundamentalismo islâmico, em virtude dos ataques terroristas de setembro de 2001, no coração do capitalismo mundial. O fato de cerca de 3 mil vidas

terem sido eliminadas em Nova York, na ação cinematográfica perpetrada pela Al Qaeda, não torna o fundamentalismo islâmico o vilão do século XXI. Em comparação, não só às atrocidades perpetradas por judeus contra palestinos, na formação do Estado de Israel, desde 1948, bem como à forte ingerência norte-americana na América do Sul e Central, ao fomentar ditaduras militares que perseguiram e mataram milhares de pessoas, este atentado perderia a importância.

Os atentados de 11 de setembro de 2001 avultam em importância na medida em que representam, de forma clara e sem subterfúgios, a disposição do fundamentalismo

“Nós temos de entender o desespero, mas também a exaltação letal que leva pessoas a sacrificarem a própria vida. Se os políticos ocidentais continuarem ignorando as causas e prosseguirem como antes, haverá repetições”

Tariq Ali

islâmico, que, ao atacar símbolos da civilização ocidental, estaria enviando uma mensagem expressa de sua capacidade de romper fronteiras e empreender sua *jihad* contra a cultura ocidental, com o forte emprego ideológico da *revelação*, capaz de levar jovens instruídos ao martírio. Segundo Ali (2005, p.11), “nós temos de entender o desespero, mas também a exaltação letal que leva pessoas a sacrificarem a própria vida. Se os políticos ocidentais continuarem ignorando as causas e prosseguirem como antes, haverá repetições”.

Ao se analisar a evolução histórica do islamismo, percebe-se que esta religião passou por constantes crises de identidade. Desde os primórdios de sua concepção, marcada pelas guerras santas originais (*jihad*), empreendidas pelo profeta e seus seguidores, passando pela divisão que originou as atuais facções (xiita e sunita), até a globalizada Al Qaeda de Osama Bin Laden, o islamismo tem oscilado entre correntes que pro-

curam secularizar a religião, separando-a do contexto político estatal que ela ganhou no decorrer do tempo, e outras que insistem na primazia da revelação (*mythos*) sobre qualquer influência dos valores ocidentais que privilegiam a razão (*logos*).

No cerne deste debate, ainda se pode ver a fumaça das Torres Gêmeas. As imagens daqueles aviões rasgando o céu de Nova York, acompanhadas pelo ensurdecedor ruído de suas turbinas, aceleradas ao máximo, não deixam escapar o questionamento a respeito das motivações milena-

res dos agentes terroristas. Heróis em seus países, vilões para grande parte do mundo, figuram como guerreiros cujas coragem e crenças transcendem o racional.

O custo para o suicida, segundo a revelação, traduz-se, na verdade, em um ganho: o *paraíso islâmico* e as 70 virgens! Anwar Shaikh, o escritor indiano perseguido pelos fundamentalistas, teve o seu momento de loucura na juventude e, por causa de sua fé, acabou com a vida de três inocentes. Segundo Ali, o próprio Shaikh narra a experiência da seguinte forma:

Como pôde uma das maiores religiões monoteístas do planeta, senão a maior na atualidade, ter chegado ao atual estágio, a ponto de permitir que grupos minoritários incentivem jovens a se lançarem ao martírio, relegando o próprio instinto de sobrevivência?

Você sabe que nos tornamos presa de uma loucura em 1947. Uma loucura. Eu fazia parte dela. Quando os estava matando só podia pensar em vingança. Não tinha medo de ser apanhado ou morto também. Sabia que estava destinado ao paraíso islâmico, onde uma quantidade de huris me esperava. Setenta virgens de peitos empinados e Alá me dariam virilidade durante 84 anos. O que

mais um jovem poderia esperar? Então você vê, eu não somente estava sem medo, mas até me sentia ansioso pelo sexo contínuo no céu. Não acredita? Por favor, acredite. Na época eu acreditava. Eu era jovem e impressionável. (ALI, 2005, p.226)

Em nome de Deus, entregam suas vidas ao martírio, esperando o paraíso com as 70 virgens e uma eternidade de clímax sexual. Ao desafiarem o racionalismo e suas ideias que, desde a Grécia antiga, fundamentam a

vida da sociedade ocidental, esses combatentes de Alá surgem no século XXI como uma incógnita social, imiscuída na população, prestes a iniciar o processo de autodestruição em nome da fé.

Como pôde uma das maiores religiões monoteístas do planeta, senão a maior na atualidade, ter chegado ao atual estágio, a ponto de permitir que grupos minoritários incentivem jovens a se lançarem ao martírio, relegando o próprio instinto de sobrevivência? Em que medida o descompasso entre o mundo muçumano e o Ocidente contribui para esse ódio terrorista? Em que medida o fundamentalismo islâmico distorceu a verdadeira revelação maometana, ao ponto de distanciá-la extremamente da razão? Tendo em vista a existência de armas de destruição em massa (químicas, biológicas e nucleares), em que medida o ódio pela cultura ocidental, no seio dos grupos fundamentalistas, seria suficiente para levar o planeta a um cataclismo?

A primazia da *revelação* sobre a razão é responsável pela morte de milhares de pessoas em centenas de atentados terroristas na história da humanidade. Sabe-se que, no decorrer desta história, devido ao fenômeno da globalização, o terrorismo deixou de possuir uma vertente ideológica, transformando-se em *terrorismo catastrófico*, voltado para tudo e para todos. Este trabalho terá como escopo a realização de uma análise desta nova vertente de terrorismo,

o terrorismo catastrófico, por meio da análise da evolução do islamismo, desde suas origens até a chegada ao atual estágio do fundamentalismo islâmico.

AS ORIGENS DO ISLÃ

“*Você pensou em al-Lat e al-Uzza
E em Manat, a terceira?
Elas são os cisnes exaltados;
Sua intercessão é esperada;
Suas preferências não são negligenciadas.*”
(versos do Alcorão original²)

De acordo com a tradição muçumana, o Islã foi fundado no século VII da Era Cristã, na Arábia, por Maomé, segundo um enfoque monoteísta que privilegia a adesão rigorosa a práticas religiosas específicas. Tais práticas, segundo a *revelação* entregue ao profeta pelo anjo Gabriel, seriam a maneira pela qual o ser humano conseguiria atingir o paraíso.

A religião muçulmana, assentada na escritura sagrada, o Alcorão, converteu-se numa força unificadora de diversos povos, a partir do elemento original árabe. O império que se formou em virtude da expansão muçulmana pelo Oriente e o Ocidente não foi apenas árabe, tampouco teve uma tendência religiosa única. Apesar de criadas diversas facções e seitas, o sentimento de coesão do mundo muçumano não diminuiu. Essa coesão baseou-se no monoteísmo e

**A primazia da *revelação*
sobre a razão é
responsável pela morte de
milhares de pessoas em
centenas de atentados
terroristas na história da
humanidade**

² Segundo Ali (2005), estes versos foram incluídos no Alcorão por conta de uma revelação que Maomé recebera antes de mandar destruir os templos das filhas de Alá. Após o feito, os versos foram modificados. (ALI, 2005, p.42).

na prática religiosa, regedora também da vida civil e da justiça e principal impulsionadora da expansão territorial, da pregação e da guerra santa.

A morte das filhas de Alá

Segundo Ali (2005), no ano de 629 d.C., ano 8 do calendário mulçumano, após oito anos de convivência pacífica entre Alá e suas três filhas, al-Lat, al-Uzza e Manat (destino), Maomé determinou a destruição do templo da deusa de Meca, Manat. A ambição de Maomé era unificar todas as tribos em torno de uma crença única. Após conseguir importantes vitórias militares, Maomé acreditou que aquela seria a oportunidade para impor o monoteísmo. Ali analisa a passagem da seguinte forma:

Um profeta do século VII não podia se tornar um verdadeiro líder espiritual de uma comunidade tribal sem exercer a liderança política e, na Península, dominar o básico da montaria, da luta de espadas e da estratégia militar. Foi o profeta-como-político que entendeu a necessidade de adiar o rompimento final com o politeísmo até que ele e seus companheiros estivessem menos isolados. Em termos táticos, fazia sentido não alienar prematuramente os seguidores das três deusas. Daí as hesitações e a ambiguidade que marcaram a primeira década da nova fé. (ALI, 2005, p. 42)

Maomé sabia que precisava afirmar sua crença junto ao seu povo – a existência de um Alá patriarcal servia aos anseios não só de se contrapor ao cristianismo, mas também “para romper com as práticas cul-

turais entre os árabes da península”. (ALI, 2005, p.43). Desta forma, com uma religião monoteísta e forte, Maomé conseguiria unir as tribos da Península em torno de uma *revelação* que traria o povo ao encontro da espiritualidade e romperia com costumes, ditos pagãos, da época.

Descendente direto de Ismael³, membro da tribo quaraish, o profeta possuía uma visão perfeita do mundo. Era um homem viajado, já tinha tido contato com cristãos, judeus, magos persas e pagãos de todo o tipo, suas ideias tinham se expandido e sua capacidade intelectual e política o faziam aspirar a saltos mais altos. Ali tece o seguinte comentário:

O ímpeto espiritual de Maomé era parcialmente por paixões socioeconômicas, pelo desejo de reforçar a posição comercial dos árabes e sua necessidade de impor um conjunto de regras comuns. Sua visão abarcava uma confederação tribal unida por objetivos comuns e uma fé única, que, por necessidade, devia ser nova e universal. O Islã tornou-se o cimento utilizado por Maomé para unir as tribos árabes e, desde o início, via o comércio como a única ocupação nobre. (ALI, 2005, p. 43)

Existe uma diferença, nesta fase do islamismo, entre o campo e a cidade. As características peculiares do campo não permitiram uma perfeita adesão ao movimento, tendo em vista que a observação das regras que estavam sendo criadas tornava-se impraticável no campo. “De modo pouco surpreendente, os camponeses achavam impossível harmonizar suas condições de trabalho com as con-

³ Segundo a Bíblia Sagrada, Ismael foi filho bastardo de Abraão com a escrava Hagar, que, após o nascimento de Isaque, filho legítimo daquele, foi expulsa com seu filho da tribo de Abraão. A tradição cristã acredita que Ismael é o pai das nações árabes. No livro do Gênesis, capítulo 21, versículo 13, o próprio Deus promete fazer de Ismael uma grande nação.

dições rígidas exigidas pela nova fé”. (ALI, 2005, p. 46)

Não só o caso de esta camada da população ter sido a última a aceitar o islamismo, mas também ter sido fonte para os mais antigos desvios de ortodoxia, tem relação com este fato.

Desta forma, o profeta reuniu as condições para que a *revelação* que recebera ganhasse o mundo. E realmente ganhou.

A revelação ganha o mundo e perde a inocência

Os primeiros exércitos muçumanos obtiveram um sucesso impressionante, e pouco tempo após a morte do profeta já tinham avançado na região conhecida como Crescente Fértil. A guerra existente entre o império persa e o bizantino, por volta de 628, facilitou tal expansão ao enfraquecer a Síria, o Egito e o Iraque. Os três caíram diante do forte poder da tribo da Península Arábica, agora unificada.

Historiadores árabes atribuem o sucesso do exército tribal da época à grande capacidade estratégica de seus generais. As manobras rápidas com a cavalaria (camelos) e a infantaria surpreendiam os inimigos da época. Porém, os crentes atribuíam o sucesso à intervenção de Alá, à força da *revelação*.

O contato com outras culturas, devido às vitórias militares, parecia não afetar os muçumanos. “Eles podem ter ficado enfeitiçados pelas maravilhas da Pérsia, mas nunca se sentiram tentados a abandonar sua identidade, sua língua ou a nova fé.” (ALI, 2005, p. 50)

Isto seria uma forte evidência do poder que a *revelação* de Maomé exercia sobre os muçumanos, já naquela época.

O Islã se expandiu do Egito para a África do Norte, e uma base foi estabelecida em Al-Qayrawam, no sul da Tunísia. Cartago também se tornou uma cidade muçumana, se-

guindo-se Córdoba e Toledo e toda a Península Ibérica, isto no ano de 711, menos de cem anos da morte do profeta.

A tentativa de ultrapassar os Pirineus foi frustrada, e os soldados do profeta ficaram confinados na Península, porém a Sicília foi tomada pelos árabes, mas estes foram mantidos à distância do continente.

A dominação muçumana na Península Ibérica trouxe benefícios à região. Córdoba tornou-se a capital do califado do Ocidente. O califa Abderrahman III transformou a cidade no maior centro cultural da Europa, tornando-a famosa “por suas escolas e bibliotecas, seus músicos e poetas, médicos e astrônomos, mulás, hereges e, sim, tavernas e dançarinas”. (ALI, 2005, p. 55)

Ali descreve esta época da seguinte forma:

Córdoba tinha a vantagem da dissensão. O fato de a hegemonia islâmica não ser imposta à força levava a debates genuínos entre as três religiões, produzindo uma síntese andaluz, da qual o Islã nativo se beneficiou muito. A cidade tornou-se notória por seus dissidentes e céticos. Em Bagdá falavam, meio com admiração, meio com medo, sobre a “heresia andaluz”. (ALI, 2005, p. 55)

Nota-se que Córdoba era uma cidade na qual a força de dominação agia com muita tolerância, de certo que não absorvia a cultura local, dado a força da convicção religiosa que marcava a religião muçumana. Ao contrário, com sabedoria e arte, influenciava a cultura local no campo da arquitetura, da medicina e também no campo da arte. Porém esta característica pacífica dos líderes muçumanos permitiu que, por meio da dialética e do debate, o Alcorão fosse discutido e analisado.

Nesse período, conhecido como Era Dourada, surgiu o filósofo e poeta Ibn

Hazm, que censurava aqueles fiéis que se recusavam a demonstrar a verdade das ideias por meio da argumentação, militando diretamente contra os dogmas mulçumanos. “A tentativa de reconciliar a razão com a verdade divina tornou-se uma especialidade andaluz a ser tratada com grande suspeita em Bagdá e no Cairo.” (ALI, 2005, p. 57)

A *revelação* de Maomé era, pela primeira vez, confrontada com a razão, em terras europeias. A força motriz pautada na fé, que impulsionou o Islã para fora da Península Arábica, era forte para não ceder às tentações das culturas ocidentais, mas não era invulnerável ao debate. Esse era o início de um longo caminho a ser percorrido pelo Islã até se tornar a loucura fundamentalista que derrubou as Torres Gêmeas em Nova York.

Centenas de anos se passaram até que a cultura mulçumana fosse totalmente destruída por uma cultura de identidade europeia. “Um fundamentalismo berbere de linha dura chegou a ter o poder na região, após guerras internas no Islã, matando cristãos, judeus e mulçumanos em várias épocas e destruindo palácios.” (ALI, 2005, p. 58)

Ali (2005) afirma que isso é a prova da não existência de uma fé monolítica e de que todas as religiões possuem correntes internas antagônicas. No Islã, esta oposição ficou logo evidente após a morte do profeta: sunitas e xiitas dividiam a *revelação* do profeta em duas correntes opostas entre si.

A divisão na revelação

Após a morte do profeta, no ano de 632, houve uma disputa para a sucessão que envolveu os companheiros de Maomé e sua família. Abu-Bakr foi eleito para a sucessão e, após a morte deste, Omar. “Como o profeta não havia deixado nenhum filho homem, Ali, seu genro, apesar de ficar ressentido,

não protestou e acatou a decisão dos companheiros de Maomé.” (ALI, 2005, p. 77)

O terceiro califa, Uthaman, representava a aristocracia tribal de Meca, pertencendo a um clã chamado Omíada. A eleição deste aristocrata não agradou aos anciões, que passaram a preferir Ali. Essa discórdia culminou com o assassinato de Uthaman em 656 e com a unção de Ali como novo califa. Porém, Talha e al-Zubair, dois companheiros de Maomé, reuniram tropas leais a Uthaman, inclusive a viúva do profeta, Aisha, e se rebelaram. “Este evento deu início à primeira guerra civil do Islã, que foi vencida por Ali na chamada Batalha do Camelo.” (ALI, 2005, p. 77)

Depois de mais uma campanha contra os Omíadas, Ali foi vencido. Nessa ocasião, não só sua derrota, mas também o fato de ter aceitado o arbítrio, causou mal-estar entre seus partidários linhas-duras, e com isso, em 660, Ali foi assassinado no lado de fora da mesquita de Kufa. “Após a morte de Ali, o General Omíada Muawiya foi reconhecido como califa, porém os filhos de Ali não aceitaram sua autoridade.” (ALI, 2005, p. 77)

Ali era chamado pelos xiitas de primeiro imame (líder), pois os xiitas não reconheceram a autoridade dos três primeiros califas. Hasan, primogênito de Ali, abandonou a política e morreu em 669, em Medina. Após a morte de Muawiya, em 680, seu filho Yazid lhe sucedeu. Em Kufa, no Iraque, ocorreram grandes manifestações favoráveis à unção de Husain, segundo filho de Ali, como novo califa. Este, temendo represálias dos Omíadas, se refugiou em Meca, mas mesmo assim Yazid enviou emissários para assassiná-lo, profanando a cidade sagrada. Armstrong narra o incidente da seguinte forma:

Husain, o terceiro imame dos xiitas, partiu para Kufa com um pequeno grupo de 59 seguidores, que levaram suas espo-

sas e filhos. Acreditava que o pungente espetáculo da família do profeta marchando em oposição à tirania reconduziria a *ummah* a uma prática mais autêntica do islamismo. Mas, durante o jejum sagrado do Ashura, o décimo dia do mês de Muharram, tropas dos Omíadas cercaram e massacraram o pequeno exército de Husain na planície de Kerbala, arredores de Kufa. Hussian foi o último a morrer, segurando nos braços seu filho, ainda bebê. (ARMSTRONG, 2001, p. 66)

Este episódio foi um verdadeiro divisor de águas no Islã, consolidando o cisma da religião. A partir daí, a *shiah'ī* (facção) de Ali ficou com seus próprios estados e dinastias, bem como com suas próprias tradições e regras. A tragédia de Kerbala teria seu próprio culto e viraria um mito na vida de todo xiita. Yazid se tornaria o símbolo da tirania e injustiça. “Até os dias atuais, os xiitas reservam, anualmente, o jejum da Ashura para relembrar o martírio de Husain, e nesse dia se espancam e se flagelam em um sinistro ritual de martírio.” (ARMSTRONG, 2001, p. 66)

Sem dúvida alguma, esse ritual está carregado de um forte misticismo relacionado à *revelação* do profeta. Porém, sendo o precursor da ideia moderna de martírio, pode ser considerado como uma interferência maléfica na tradição mulçumana que, centenas de anos após o evento, viria influenciar as doutrinas do fundamentalismo islâmico da era contemporânea. Segundo Armstrong (2001, p. 66), “quando marcham em procissão solene durante os rituais do Ashura, os xiitas proclamam sua determinação de seguir Husain e até mesmo morrer na luta contra a tirania”. Sobre isso, Armstrong faz a seguinte análise:

O culto a Husain transformou uma tragédia histórica num mito crucial para a visão religiosa dos xiitas. Dirigiui atenção

dos devotos para uma luta incessante, mas visível, entre o bem e o mal, travada no centro da existência humana; os rituais liberaram Husain das circunstâncias específicas de sua época e o converteram numa presença viva, numa verdade profunda. Entretanto, a mitologia do xiismo não tinha aplicação prática no mundo real. (ARMSTRONG, 2001, p. 67)

A *revelação* divina deu margens a muitas ingerências na tradição do Alcorão. Os xiitas tinham sua própria visão, considerada um pouco mais complexa e associada com especulações fantasiosas. O imame era considerado “um guia espiritual infalível e um juiz perfeito”. (ARMSTRONG, 2001, p. 67) Dessa forma, o xiismo se separou da política e se converteu em uma seita mística. Por meio do uso de uma técnica de meditação, acreditavam que podiam ter acesso a uma sabedoria secreta (*batin*) subjacente a cada palavra do Alcorão, desviando-se do significado literal das escrituras.

Após a separação entre religião e política, no ano de 848, os abássidas atravessavam um período de turbulência e decidiram cercar a ação dos imames. “Ali al-Hadi, o décimo imame, foi transferido de Medina para Samarra e mantido em prisão domiciliar. Ali e seu filho, Hasan al-Askari, o undécimo imame, só podiam se comunicar com os xiitas por meio de um agente (*wakil*)”. Na verdade, a intenção do califa era separar a fonte do poder religioso de seus seguidores, mas seu plano acabou indo muito mais longe do que esperava. Em 874, o undécimo imame morreu sem deixar vestígios de sua descendência.

Um grande mistério se estabeleceu por conta deste último imame, o suposto filho do Imame Abu al-Qasim Muhammad, que seria o duodécimo imame, teria se escondido e continuado a se comunicar com os xiitas por meio de seu *wakil*. Muito tempo se passou até

não existir mais a possibilidade deste imame estar vivo. Houve então uma inquietação dos xiitas, no ano de 934, quando o imame escondido enviou sua última mensagem por meio do *wakil*, na qual afirmava que não poderia mais se comunicar com os fiéis e que seu retorno demoraria até “que transcorresse muito tempo e a tirania se disseminasse da Terra”. (ARMSTRONG, 2001, p. 69)

O mito da ocultação do imame revelou-se conveniente e oportuno para o contexto do xiismo na época, mergulhando a *revela-*

ção do profeta em um *mythos* mais profundo ainda e afastou sua crença de qualquer possibilidade de explicação racional, atraindo para si uma elite contemplativa mística. O viés escatológico foi o cerne da visão xiita, com o mito do imame escondido. A crença na vinda do imame manifestaria, “num sentido profundo, sua presença constante na vida dos fiéis; o imame escondido simboliza a luz evasiva de Deus num mundo escuro e tirânico, a única fonte de esperança”. (ARMSTRONG, 2001, p. 70)

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<POLÍTICA> Fundamentalismo; Política internacional; Religião; Terrorismo;

REFERÊNCIAS

- ALI, Tariq. *Confronto de fundamentalismos*. Tradução de Alves Calado. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no cristianismo, no judaísmo e no islamismo*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BONANATE, Luiz. *A guerra*. Tradução de Maria Tereza Buonafina e Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CHOMSKY, Noam. *O Império Americano – Hegemonia ou Sobrevivência*. Tradução por Regina Lyra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- HORARI, Albert. *Europe and mystique of islam*. Seattle University of California Press, 1980.
- M. ALMEIDA, João. 1979: o ano em que “nasceu” a al-Qaeda. Instituto Português de Relações Internacionais. Lisboa, 2006. Disponível em: <http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=5&ida=64>. Acesso em 17 de julho de 2006.
- _____. A “Jihad” global contra o ocidente. Instituto Português de Relações Internacionais. Lisboa, 2006. Disponível em: <http://www.ipri.pt/investigadores/artigo.php?idi=5&ida=65>. Acesso em 17 de julho de 2006.
- M. NETO, Francisco Paulo de. *Marketing do terror*. São Paulo: Contexto, 2002.
- MEDDELO, Abdelwahab. *A doença do islã*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- NETO, Capitão de Fragata (FN) Sílvio Aderne. Do Ideológico ao catastrófico: a emergência do terrorismo na agenda internacional. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro: v. 126, n. 10/12, out./dez. 2006.
- RAMONET, Ignácio. *Guerras do século XXI: novos temores e novas ameaças*. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2003.
- SILVA, Francisco Carlos et al. *O século sombrio: guerras e revoluções no século XX*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- TEIXEIRA, Capitão de Corveta (FN) Alexandre Peres. Guerra assimétrica global: a capitulação do direito internacional. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro: v. 127, n. 07/09, jul./set. 2007.
- VESENTINI, José William. *Novas geopolíticas*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.